



INTRODUÇÃO

U sou a Introdução,
o Prologo,
o Prefacio,
o A quem ler,
a Prefaçam,
as Duas palavras,
o Ao leitor,

e figurô muitas vezes no fim dos volumes disfarçada com o pseudonymo de — Nota.

Geralmente, incumbem-me de grangear a benevolencia do leitor benigno ;

Outras vezes sirvo modestamente para lisongear a vaidade dos auctores ;
Quando não fazem de mim uma catilinaria tremenda contra vivos e mortos.

Mas cá para mim tenho que o meu papel limita-se ao dos creados de Dumas filho, que vêm á scena declarar aos personagens que o jantar está servido.

D'esta vez, pois, não mentirei aos meus fins: sou breve e digo tanto n'estas folhas soltas do jornal, como nas paginas immortaes dos grandes livros.

*

— Meus senhores, começa hoje o sexto anno do *Mequetrefe*.

O MEQUETREFE

Rio, 3 de Janeiro de 1880

Redacção, rua da Quitanda n. 56

ALBUM DO MEQUETREFE

Exemplos Moraes. — Livro de leitura para uso das escolas primarias por Carlos Eustaquio da Costa. E' uma collecção de contos escriptos em uma linguagem de facil comprehensão para as intelligencias que, ainda vascilão e resumem lições de moral, com as quaes muito ha de aproveitar a infancia.

O Economista Brasileiro — n. 41, anno II.

Com este numero completa o seu segundo anno esta revista que incontestavelmente é a primeira em seu genero.

Redigida por uma intelligencia esclarecida, por um dos nossos bons talentos, vai ella cada vez mais se firmando, não só no paiz como no estrangeiro.

Ao nosso distincto amigo Victor da Cunha temos que agradecer-lhe a boa vontade e o talento com que tem trabalhado, e conseguido despertar a attenção publica para os negocios financeiros e industriaes de nosso paiz, discutindo com profissien- cia todas as questões que dizem respeito a essas duas importantes materias, o que ha tempos atraz era considerado privilegio apenas de ministros, ou de um ou outro senador.

O Economista Brasileiro faz honra á imprensa brasileira. Desejamos-lhe tanta ou mais prosperidade do que a que fruiu no anno que acaba de findar.

A Idéa — n. 3 — anno I — Parahyba — 13 de dezembro de 1879.

Rio do Ouro — quadrilha brilhante, por Quirino José Rodrigues Vieira. Esta composição que é a primeira que publica o autor, denota grande vocação e gosto. A quadrilha é bonita e tem algumas partes de um mimo incontestavel.

Club Mozart. — Convite para a sua ultima *soirée* do anno de 1879.

Por motivos especiaes deixou de ter lugar no dia 27 do passado como tinha sido annunciado.

Revista Industrial — n. 30 — vol. V.

O Novo Mundo — n. 108 — vol. IX.

Estas duas publicações que incontestavelmente são as melhores que em seu genero, se publica em lingua portugueza, suspendem a sua publicação, forçadas pelo augmento de direito marcado na nova tarifa e que deve ser posta em pratica do 1º do corrente.

Os seus dignos proprietarios em seus artigos de despedida fazem conhecer aos seus assignantes o poderoso motivo porque se vêm obrigados a suspender a publicação de suas revistas.

E' mais um fructo dos nossos financeiros pulhas.

Almanak da Gazeta de Noticias. — Bastante interessante e variado.

Folhinhas. — „Quatro Nações — de Machado de Carvalho & C., rua do Hospicio n. 80. — De Gomes Brandão & C., rua da Quitanda n. 64. — De José de Freitas & C., rua dos Ourives n. 35.

A todos estes senhores agradecemos as folhinhas que nos mandaram.

Agua Florida — de Leon & Alves, fabricada em Porto-Alegre.

Agradecemos a Mme. Besse o mimo que nos fez de um frasco da Agua de Florida de Leon & Alves. Este producto fabricado no nosso paiz não é inferior ao fabricado na Europa.

MAGESTADE:

O *Mequetrefe* que tantas vezes tem se dirigido a vossa imperial pessoa, mais uma vez hoje enfrenta-se com V. M. afim de, com a sem cerimonia de uma consciencia franca, e com toda a energia de um caracter solidamente honesto, dizer-vos:

— Magestade, vós fostes a unica culpada dos assassinatos praticados em homens do povo indefezos, pela força publica, no dia 1º do corrente.

A historia, mais tarde, quando, descendo um pouco, tratar do vosso reinado, ha de tomar de umas tenazes para levantar-vos, a luz da civilisação para que ella desfeiche sobre vós um epitheto que nos está a saltar do bico da penna.

E' escusado aqui dizer-vos tudo o que se deu durante os quatro primeiros dias do corrente anno; estaes tão bem informada como o publico em geral, por isso abstando-nos disso apenas registramos aqui nestas paginas alegres e francas, toda a nossa indignação contra os actos de vandalismos autorisados por vós.

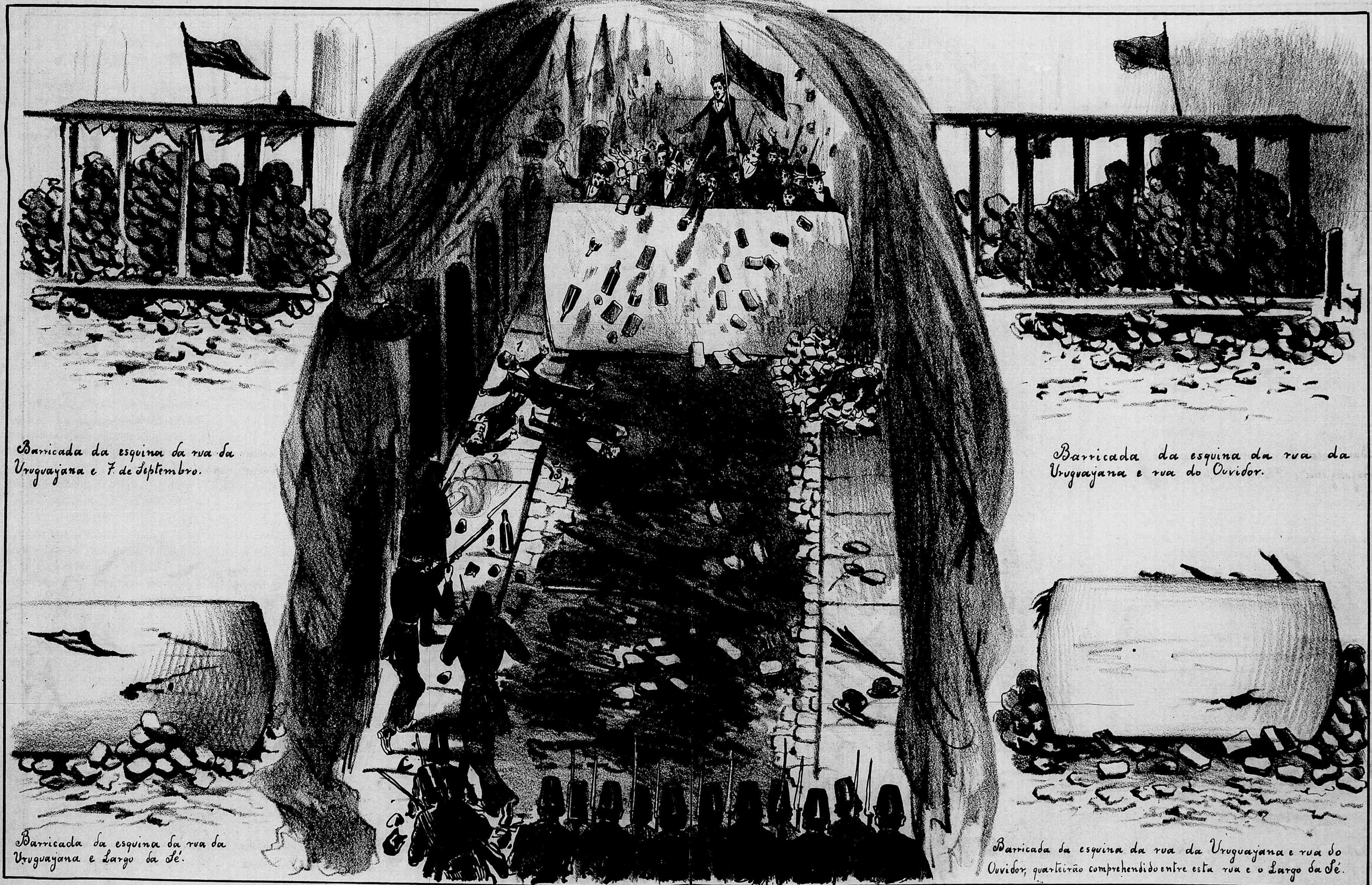
Terminando, mentiriamos á nossa consciencia, se continuassemos a dar-vos aquellas virtudes dos reis viajados, aquellas qualidades do rapé Paulo Cordeiro e das piteiras quilotadas, se não reconhecessemos em vós, de hoje em diante *le petit roi Bobeche*.

Quanto á corôa que tendes sobre a cabeça, corôa que este bom povo, soube levantar-a do pó da praça e defendel-a, ao mesmo tempo que guardava o vosso

Apanhado segundo a parte official do commandante em chefe do exercito em operacoes na Rua da Uruguayana, contra o povo inermes. Na verdade o seu Antonio Encas e um bravo. Agora o que se deu nao e o que fica aki, mas sim outra coisa.

Barricadas antes da lucta.

Barricadas antes da lucta.



Barricada da esquina da rua da Uruguayana e 7 de Setembro.

Barricada da esquina da rua da Uruguayana e rua do Ouvidor.

Barricada da esquina da rua da Uruguayana e Largo da Sé.

Barricada da esquina da rua da Uruguayana e rua do Ouvidor, quartirão comprehendido entre esta rua e o Largo da Sé.

Aspecto da Barricada central em frente o Alcazar durante a lucta.
1. Um subdito polaco (morto) 2. O Pernambucano Affonso Faria de Andrade (morto)
3. O subdito francez Carlos Milet (morto) 4. Um cidadão brasileiro. (ferido)

berço, para mais tarde entregarvol-a limpa e honrada, essa corôa, esperamos vê-la o mais cedo possível cahida no pó das praças para nunca mais ser erguida.

No mais, como sempre, somos de V. M. o que somos de todos os outros,

O MEQUETREFE.

Para ser lido pelo Sr. Lafayette

A redacção da *Gazeta da Noite* de vez em quando tem a sua visita da policia secreta e nos parece que estes *musius* não são para que digamos nem muito prudentes nem muito honestos.

O bom é que estamos em uma epoca em que nem sequer nos podemos queixar, porque não temos a quem.

O Dr. chefe de policia pactúa, estamos certos, com os seus empregados. A quem havemos de nos queixar?

×

N'esta terra já não se pode contar com a vida, muito principalmente quando se é adverso ao imposto do *vintem*.

— O Sr. é contra o imposto do *vintem*?

— Sou, sim, senhor!

— Então encomende-se a Deos, que vai para o outro mundo.

×

A policia está, presentemente, sendo feita por *campangas*.

No *meeting* de S. Christovão era esta boa gente que acompanhava o Dr. Felix da Costa.

Apostamos com quem quizer se ha pessoa das que foram ao *meeting*, que nos possa contestar.

A policia tem prendido operarios e outros cidadãos honestos fundada não sei em que direito e sem allegar o motivo da prisão.

×

A's vezes, por simples phantasia do tenente Heller, que é um homem de muita imaginação, vai um homem para o *chelindró*, e quando sahe dá graças a Deos por ter as tripas no seu lugar e a cabeça em cima dos hombros.

×

Pedimos ao Sr. ministro da justiça que não nos faça a injustiça de deixar de lêr estes pedacinhos.

Nós o escrevemos especialmente para V. Ex.

Lembre-se dos bons rapazes que já foram seus correligionarios n'aquelles bons tempos em que ainda V. Ex. não tinha receio da musa de Lucio de Mendonça.

OSCAR FILHO.

Onde o apanharam?

Os jornaes publicaram que, entre outras autoridades, tinha comparecido ao corpo de delicto feito nos cadaveres das victimas do dia 1º, o Sr. Dr. 2º promotor publico, o sujeito menos publico que conhecemos.

Foi realmente um milagre. Por isso, digam-nos, meus senhores, onde o apanharam? Sim, onde o acharam, esse Sr. 2º promotor publico? porque afinal não havia ninguem que lhe puzesse a vista em cima; as partes catavam-n'o por ahi sem nunca o encontrarem. A Detenção está cheia de réus presos, abrem-se e fecham-se as sessões do jury e o Sr. 2º promotor publico rarisimas vezes por lá apparece; no seu escriptorio, isso então não se falla...

Perante estas razões achamos um verdadeiro acontecimento terem as folhas noticiada que o Sr. 2º promotor publico compareceu ac corpo de delicto dos cadaveres das victimas da sanha policial.

Mas afinal, digam-nos sempre onde o apanharam?

DOM MORENO.

O Jornal

O *Jornal do Commercio* um dos pateados durante as manifestações havidas no dia 1º, pateada que no dia 2 foi manifestada pessoalmente no Sr. Luiz de Castro, veio a falla em sua folha do dia 3 sob o titulo de *o dia de hontem*.

Começou por uma jeremiada e aos poucos foi alargando para a fanfarronada, até que acachapou-se na sensaboria.

Arrotou o seu proverbial — appareça quem prove que nós nos vendemos e nesse mesmo dia fecharemos a nossa porta.

E' boa; isso disse mas não se faz.

Então, só agora é que o *Jornal* sabe que a opinião publica de todo este paiz aponta-o como um vendido a todo o partido que estiver no poder? como a imprensa venal? como a imprensa esclusiva de balcão?

Só agora é que o *Jornal* sabe que esta população o odeia, por ser elle um poste onde se ata, por alguns mil réis, qualquer reputação ao escarneo publico?

Só agora é que o *Jornal* sabe isto e tantas outras cousas?

Pois o *Jornal* ainda não concluiu, de todas as demonstrações que tem recebido do publico, que se houver uma conflagração geral nesta côrte, será elle um dos primeiros pontos de ataque?

Ora reflecta.

O *Jornal* que diz sempre estar da parte da justiça e da verdade, porque não o esteve desta vez? Porque, em sua noticia dos acontecimentos do dia 1º, mentio covardemente perante toda a população que indignada machucava o exemplar do dia?

Não se lembra o *Jornal* que, por interesse proprio, já azorragou da maneira a mais energica possivel, a um ministro que fazia parte do mesmo gabinete que agora serve tão humildemente, n'essa occasião a opinião publica não se tinha ainda manifestado contra

o citado ministro e o *Jornal* não defendia uma causa publica e ainda menos uma causa justa.

Defendia o seu interesse, sómente.

Reflicta, pois, o *Jornal* e convença-se de que o que vimos de dizer, está na memoria do publico que de dia para dia o detesta mais.

Terminando, pedimos ao *Jornal* licença para dizer-lhe, podendo, talvez, aproveitar-lhe bastante: — *Não é por aqui o caminho, seu Timotheo, vossê vai errado.*

Os morras

A imprensa diaria registrou os vivas que durante os dias 1 e 2 se deram por todas as ruas por onde percorreram os diversos grupos populares; o nosso dever agora é noticiar o que elles não deram.

Por isso vamos dar aos nossos leitores e mais especialmente a Sua Magestade, a lista dos *morras!* que deu o povo em diversas ruas e praças.

No largo do Paço:

Morra a realza! morra o bandido da fazenda!

Na rua do Ouvidor e outras:

Abaixo o *Jornal do Commercio!* Morra essa imprensa infame e venal!

Morra o ministerio 5 de Janeiro! Morram os bandidos! Morra o Affonso Kelé! Morra o Drummond! Abaixo o Rei! abaixo o governo! Fóra ossaltimbancos! Morra a policia secreta! Morram os caceteiros do Rei! *)

Estas manifestações repetiram-se em diversas ruas e praças.

Agora a Magestade veja se os desejos do povo fossem realisados, que carnificina! que sarrabulhada! No meio de tudo isto, de vez em quando, ouvia-se:

Viva o Mequetrefe! Viva! Vamos assignal-o; é o jornal mais barato que ha. Viva o Mequetrefe! Viva!

Uma do „Cruzeiro“

Tratando do anno de 1879, diz o aquatico collega: „Esse anno astronomico é apenas um dia na historia das nações, e na do Brasil *foi dia* sem colorido e sem horizontes fagueiros.“

O collega é de força!

Noticiario

O Sr. Luiz de Castro, redactor em chefe do *Jornal do Cammercio*, na tarde de 2 do corrente, em plena rua do Ouvidor, levou a mais homerica vaia de que ha memoria.

O collega ia rua do Ouvidor acima todo chique e lampeiro de ponto em branco, quando desabou-lhe em cima a indignação popular.

+

Acha-se de volta da Bahia, onde terminou os seus estudos de medicina, o nosso collega de imprensa o Sr. Dr. Dermeval da Fonseca.

Desejamos-lhe as maiores felicidades na carreira que vai encetar.

*) Os dous coisas da policia.

Vespas

Pegou decididamente a moda de contractar para a collaboração da nossa imprensa escriptores estrangeiros: o Brazil passa agora a importar litteratura.

A razão disso está, dizem muitos, em não haver escriptores nacionaes.

Dando de barato que assim seja, quer-nos todavia parecer que não é esse o meio mais seguro, nem o mais natural, de virmos a tel-os. Vêm estas considerações mansas a proposito da escolha de Camillo Castello Branco para folhetinista do *Cruzeiro*.

Estão na memoria de todos as bellas injurias que esse escriptor atirou, ainda não ha bem seis mezes, ao Brazil e aos brasileiros.

Cuidamos que só isso era mais que sufficiente para impedir qualquer empreza jornalística verdadeiramente amante do paiz de chamar para a sua redacção Castello Branco, e não sabemos quem faz mais triste figura neste negocio, se o jornal que propôz o contracto, se o escriptor que o aceitou.

Se o fim, porém, do *Cruzeiro* é augmentar a malquerença que lhe tem o publico em geral, nesse caso cumpre confessar que o alcançou perfeitamente, e que, com isso, conseguirá apenas prolongar a sua visivel, declarada, irremediavel agonía:

O *Mequetrefe*, á falta de outros meios e em nome do talento nacional, protesta solemnemente contra a collaboração de fóra.

×

O Sr. Camillo Castello Branco acaba de fazer a sua apparição no roda-pé do *Cruzeiro*.

Começa esse pasteleiro de S. Miguel de Seide, esse ceboleiro litterato, por participar aos leitores do *Cruzeiro* que elle Camillo pertence a raça dos instrumentistas por isso passou agora a instrumentar para o jornal do Pato Tonto os seus primeiros *Echos Humorísticos do Minho*, obrigado a berimbáo, instrumento que elle toca com perfeição — elle lá, em S. Miguel, e as mulheres da ribeira, cá.

Já é alguma cousa. Em sua primeira *chronica* confessa que passou humor, mas *humor de pús fétido, humor de dictionarios, umas secreções morbidas, humor que elle tem muitissimo com um grande patriotismo.*

Queremos crer que o homem começa agora a photographar-se.

Parece que desta vez elle abriu o cerebro e o expôz aos raios ardentes do sol americano.

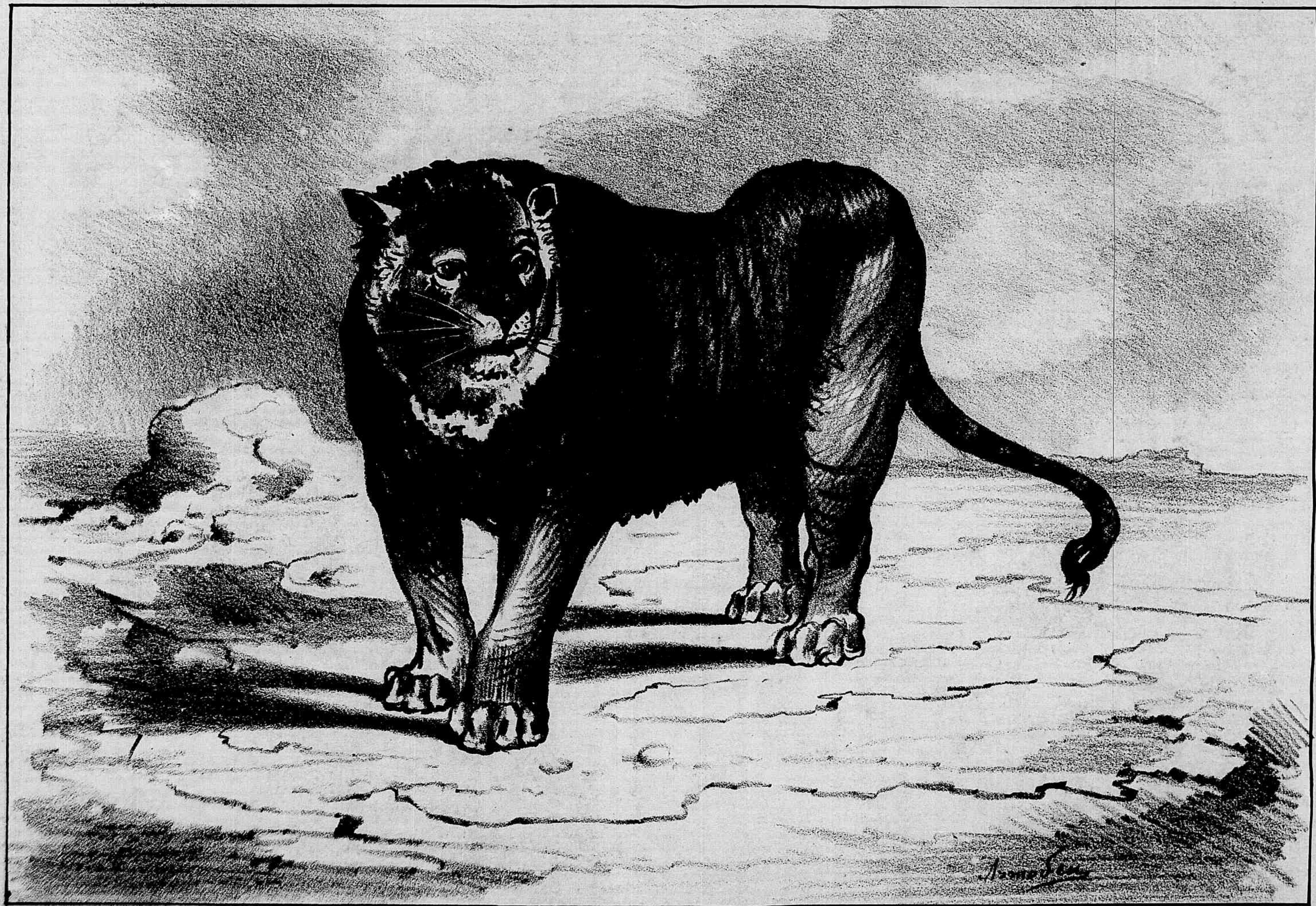
Sujeito a atmospherá asfixiante deste sólo elle começou de escorrer um *humor de pús fétido, umas secreções morbidas.*

Nestas condições quem deve tomar conta dos *Echos humorísticos do Minho*, não são os leitores do *Cruzeiro*, não é o publico — é a junta de hygiene e salubridade publica.

×

As *Vespas* esperam das autoridades competentes, toda vigilancia para a terrivel epidemia que nos ameaça invadir — os *echos humorísticos do Minho.*

DOM QUIXOTE.



O Povo no dia 7.º de Janeiro.
Assim pareceu o povo d'esta Corte no dia 1.º de Janeiro ao governo de S. Magestade.